

Igreja Católica em Volta Redonda: Configurações e Enquadramentos

ALEJANDRA ESTEVEZ*

Introdução

Estudos recentes vêm apontando para uma transformação no interior dos campos político e religioso no Brasil. Os movimentos sociais, de um lado, vivem um processo de reorientação de seus interesses internos e de reformulação de estratégias de ação, fazendo com que alguns autores falem em “novos movimentos sociais”. Nesse sentido, Gohn (2008) aponta que a crise do paradigma da modernidade trouxe à tona outras dimensões da realidade social, tais como a educação popular, o mundo das mulheres, as demandas sexuais e étnicas etc. Estas outras formas de racionalidade estariam presentes na formulação das identidades e das demandas dos chamados “novos movimentos sociais”.

No campo religioso, por outro lado, a Igreja católica assiste, desde o início do século XX, uma perda de hegemonia na sociedade contemporânea, tanto em termos mundiais como no plano nacional. Essa situação está relacionada, no plano interno, ao aumento da “concorrência” com outras religiões no interior do próprio campo religioso, e no plano macrossocial, ao avanço de ideologias que tinham como base ontológica o ateísmo, como por exemplo o marxismo.

Assim, a instituição católica se vê obrigada a traçar novas estratégias de conquista para seu apostolado. Com base nesta realidade é que a própria instituição estimula sua abertura à ação dos leigos e com isso permite o surgimento de agentes eclesiais e movimentos católicos com uma perspectiva de intervenção não só no plano religioso mas agora também no plano político. Os anos 1950, 1960 e 1970 no Brasil são repletos de exemplos de ações deste tipo oriundas de atores católicos. Com as determinações do papado de João Paulo II e de Bento XVI, menos tolerantes à autonomia de certos movimentos católicos e mais cuidadosa com as questões de ordem moral e doutrinária, verifica-se então um distanciamento entre os campos religioso e político e um fechamento da Igreja para o diálogo com outros movimentos sociais.

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFRJ). Esta pesquisa é financiada pelo CNPq.

A experiência vivida na cidade de Volta Redonda apresenta-se então como um *locus* privilegiado para pensarmos os mecanismos de enquadramento implementados pela instituição católica sobre seus agentes pastorais bem como as estratégias de ação coletiva construídas por membros da hierarquia católica e seus líderes leigos junto aos movimentos sociais. Para explicar esta rica e complexa realidade, repleta de descontinuidades na continuidade, precisamos levar em conta simultaneamente o somatório das configurações objetivas, dos elementos subjetivos e das disputas de poder e controle social vivenciados ao longo de cerca de meio século nesta região.

O presente artigo, portanto, tem como objetivo analisar as atividades desenvolvidas durante o bispado de D. Waldyr Calheiros (1966-1999) em Volta Redonda (RJ)¹. A pesquisa se insere, portanto, numa dupla esfera de análise: de um lado a relação desses bispos com a instituição católica e de outro sua relação com os movimentos sociais da região. Nesse sentido, pretende-se ainda verificar os mecanismos de dependência e/ou autonomia acionados pelos movimentos sociais, no referido bispado.

Seguindo as orientações de Norbert Elias (1994), estes dois planos acima citados são tratados de maneira relacional. Isto é, as orientações e suas transformações oriundas da hierarquia católica influenciam diretamente na maneira de agir de padres e do bispo da região, assim como a proximidade desses religiosos com líderes sindicais e sociais contribuem para a formação de uma nova postura, tanto internamente na Diocese de Volta Redonda quanto na própria configuração e experiências de luta dos movimentos sociais.

1. Volta Redonda e a Companhia Siderúrgica Nacional: a configuração de uma identidade operária

Volta Redonda² localiza-se na região do Médio Paraíba. Ao longo do século XIX, muitas fazendas de café ali se instalaram, promovendo o desenvolvimento

¹ Vale destacar que o bispado de D. Waldyr Calheiros é identificado com um período de abertura da Igreja aos movimentos leigos e de aproximação com os movimentos sindical e popular de maneira geral. Já o bispado de D. João Maria Messi aproxima-se dos setores identificados com a Renovação Carismática e efetua um distanciamento das questões políticas *stricto sensu*.

² Volta Redonda passa a integrar, em 1926, o distrito de Barra Mansa e, em 1954, consegue sua emancipação.

econômico e o crescimento populacional. No entanto, a crise do café desestrutura a economia local, impossibilitando o crescimento desses núcleos urbanos.

Nos anos 1930, o núcleo do setor produtivo estatal se articula em torno da siderurgia, do petróleo e da energia elétrica, em nível nacional. Esse período é marcado então pelo fortalecimento dos setores burocráticos e do poder do Estado sobre a sociedade civil. A opção pela indústria estatal impôs uma articulação de interesses entre o Estado e o capital externo, principalmente o capital norteamericano. A atuação da burguesia industrial brasileira no processo de criação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), contudo, merece destaque, na medida em que “o nacionalismo econômico, justificativa ideológica do intervencionismo estatal, vai ser o elemento articulador dos interesses da classe industrial e os da burocracia civil-militar do Estado” (SOUSA, s/d.: 05), conforme aponta Jessie Jane de Sousa. O projeto siderúrgico demoraria, no entanto, 11 anos para sua realização. Nesse sentido, a autora conclui que “Volta Redonda nasce, portanto, da articulação de interesses corporativos dos militares, dos interesses do capital nacional-internacional aliados ao Estado, apontando para um vago projeto nacionalista industrializante”. (SOUSA, s/d.: 05)

A chegada da CSN, em 9 de abril de 1941, reformula a identidade social desta cidade³. Ocupada até então hegemonicamente por grandes proprietários e trabalhadores rurais, com a chegada da CSN, a cidade assume uma nova identidade, ficando conhecida como a “Cidade do Aço”. Em pouco tempo, acorrem à cidade um grande número de trabalhadores do interior para constituírem a mão-de-obra da Companhia. Volta Redonda deixava, a partir da década de 1940, de ser uma cidade com uma dinâmica social assentada na ruralidade para tornar-se prioritariamente operária. (MOREL, 2001) O recrutamento de mão-de-obra para trabalhar na usina assume um caráter compulsório. O trabalhador era visto como uma peça a ser refinada, no qual todo o esforço da Companhia em termos de formação profissional⁴ vai ser no sentido de transformar esse trabalhador rural em trabalhador industrial, obedecendo à visão

³ A CSN além de caracterizar-se como parte integrante do projeto desenvolvimentista proposto pelo governo de Getúlio Vargas, representava uma nova concepção da relação do Estado com a classe trabalhadora e de organização do trabalho. (MOREL, 2001)

⁴ Essa preocupação com a formação profissional por parte da empresa vai culminar inclusive na criação da Escola Técnica, em 1946.

disseminada pelo Estado de que o trabalho era o caminho para a riqueza e conquista da cidadania.

Diante disso, a CSN vai assumir centralidade na dinâmica da vida social da cidade. Segundo Santana (2005: 4),

A construção da usina, que teve início em 1941, mudaria a vida do antigo povoado de Volta Redonda para sempre. A chegada de uma enorme quantidade de trabalhadores para o empreendimento de diversos lugares do país marcaria este processo. A cidade e a usina se desenvolvem juntas. Podemos dizer mesmo que a construção da usina determinaria, dali por diante, o desenvolvimento da cidade de forma umbilical.

Sendo assim, a CSN exerce não apenas a gestão da empresa mas também dos espaços, tanto físicos como sociais⁵. O discurso paternalista da CSN forja a ideia de uma empresa forte que provê os trabalhadores de suas necessidades básicas. Essa estrutura de uma cidade-operária onde a empresa detém igualmente o controle sobre outras esferas da vida de seus trabalhadores, obriga desde cedo que o movimento operário da região formule estratégias de luta para além das reivindicações propriamente trabalhistas ou econômicas⁶. (BEZERRA, 2007)

Nos anos 1950 o operariado está razoavelmente constituído e formado sob o ideal industrial e entende o sindicalismo como o principal intermediário nas lutas entre o capital e o trabalho, de acordo com o linguajar da época. Os primeiros anos da década de 1960 inauguram novas possibilidades de ação para o sindicalismo e no ano de 1964, logo após o golpe civil-militar, tem lugar a primeira greve geral dos trabalhadores da empresa. A greve tinha o objetivo de resistir ao golpe e foi convocada pela Fábrica de Estruturas Metálicas. O quadro que se instaura é de exceção, sendo a cidade invadida por tanques do Exército, o Sindicato dos Metalúrgicos invadido e muitos de seus dirigentes presos e torturados, expulsos da CSN, tendo sua documentação apreendida. A partir desse momento assiste-se um esvaziamento do movimento sindical uma vez que atores ligados ao novo regime assumem a direção do sindicato. O sindicalismo perde então seu papel de amortecedor das lutas sociais. Vale lembrar que Volta Redonda,

⁵ Exemplo disso foi a implantação do modelo de vilas operárias, onde verifica-se uma lógica hierarquizante, na qual os bairros são divididos de acordo com os postos de trabalho, limitando dessa forma o contato mais íntimo entre as classes sociais.

⁶ A Companhia controlava não só a concessão das moradias de seus trabalhadores mas também os serviços públicos básicos como: a conservação e limpeza das ruas, o transporte, o lazer, a segurança, os hospitais, etc.

nesse período, torna-se área de segurança nacional, o que dificulta ainda mais a mobilização e articulação do movimento sindical.

2. A Igreja católica de Volta Redonda como ator político

O momento da ditadura militar inaugura, assim, uma nova fase para o movimento operário da região, onde verifica-se uma rearticulação das forças sociais, tendo agora a Igreja como um importante ator político. Principalmente após a chegada de D. Waldyr, em 1966, a Igreja católica adota uma postura de maior proximidade com os movimentos sociais, contribuindo para a formação de lideranças que mais tarde iriam se destacar nas associações de moradores, nos partidos políticos e nos sindicatos.

Aqui vale chamar a atenção para o fato de que Dom Waldyr até este momento havia tido apenas experiências de apostolado majoritariamente com fiéis de classe média e uma experiência isolada com trabalhadores de uma favela carioca que ele mesmo entende como de cunho assistencialista. Foi apenas a experiência de liderar a vida religiosa de uma cidade operária que fez com que D. Waldyr então assumisse a opção de defesa da população mais pobre e se envolvesse com os problemas dos trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Somente em 1966, ao ser nomeado como bispo para a diocese de Barra do Piraí-Volta Redonda, é que ele viu-se confrontado com uma nova realidade.

Ao chegar na cidade operária, D. Waldyr se deparou com o fato dos principais líderes sindicais da região estarem presos ou refugiados. A partir daí ele dá início a um bispado com uma nova orientação, diferente da de seu antecessor. Cada vez mais alinhado às ideias propagadas no Concílio Vaticano II⁷ e animado pelas experiências progressistas que se disseminavam por todo o Brasil no interior da Igreja, o então bispo de Volta Redonda realiza como uma de suas primeiras medidas no novo cargo a descentralização das atividades da diocese e cria 105 pequenas comunidades onde incentivava a discussão de problemas de ordem cotidiana (moradia, escola etc), embrião

⁷ O Concílio do Vaticano II ocorre de 1962 a 1965. Ele foi inaugurado por João XXIII e finalizado por Paulo VI. Trata-se de uma atualização das práticas católicas às novas conjunturas e ao mesmo tempo uma reafirmação de certos dogmas católicos. Este Concílio foi importante para uma série de movimentos católicos pois ele reconhece um papel ativo para o leigo no interior do espaço eclesial. Suas determinações desenvolvem a idéia de Igreja como *Povo de Deus*, mais próxima das camadas populares. Esses textos vão ter uma particular interpretação na América Latina. Para maiores informações, consultar BEOZZO, 1993 e CNBB, 1968.

das Comunidades Eclesiais de Base. Segundo ele, essa era a postura da nova forma de ser Igreja, a “fé aplicada a vida”, como se refere.

Essa transformação sofrida encontra explicação num contexto mais amplo vivido pela Igreja católica em nível internacional, desde o surgimento da Ação Católica. Assiste-se, portanto, na história da instituição católica, uma transição de “configurações”, no sentido atribuído por Elias (1994). De uma Igreja voltada para o campo intraeclesial e para as práticas litúrgicas, verifica-se o surgimento de uma Igreja atenta aos problemas sociais, preocupada com a resolução de questões práticas da vida cotidiana.

Sobre essa mudança na perspectiva hierárquica da Igreja, consolidada com o Vaticano II, Waldyr Calheiros analisa a situação, apontando o surgimento da Igreja como “povo de Deus”,

afastando-se da visão piramidal, segundo a qual o papa mandava no bispo, o bispo mandava no padre, o padre mandava no leigo e o leigo não mandava em ninguém. A hierarquia se apresentou então como serviço do povo de Deus. A imagem de uma Igreja monárquica deu lugar a uma Igreja-comunidade, criada pela Trindade Santa, dotada de dons e carismas distribuídos a todos os fiéis batizados. Aqueles parasitas da história, com seus tronos, coroas, cavaleiros, desapareceram, dando lugar a uma Igreja servidora, “sinal e instrumento de salvação”. E instituiu-se a colegialidade, na qual a Igreja apresenta-se como confiada ao conjunto dos pastores, com o papa, chamando à corresponsabilidade no serviço do mundo. O bispo não é um monarca, nem dono, na sua Igreja local, a diocese. A Igreja é da Trindade. Toda a Igreja deve ser servidora: papa, bispos, padres, diáconos e leigos. (COSTA et alli, 2001: 55)

A transformação no discurso e na prática de muitos membros da hierarquia merece especial atenção. O contato mais estreito com movimentos leigos e indivíduos de outras correntes ideológicas promoveu, sem dúvida, uma atualização no campo religioso, que não seria possível sem essa troca. Além disso, a ameaça de outras religiões “concorrentes” também forçou uma reformulação do discurso católico.

Ao invés de analisar a trajetória desses eclesiásticos isoladamente ou pensar a instituição esquecendo que ela é composta por indivíduos, mais proveitoso seria pensar a instituição em relação aos membros que a compõem. Dessa maneira, mesmo partindo da premissa de que os agentes eclesiásticos são formados e culturalmente instruídos para manter essa estrutura ou a ela estão submetidos de maneira irremediável, conforme nos informa Pierre Bourdieu (1989), os interesses pessoais e seus relacionamentos com

indivíduos que encontram-se fora da estrutura eclesiástica não podem ser desconsiderados, na medida em que são geradores de tensões internas e, conseqüentemente, de transformações importantes.

No ano de 1967 o bispo da cidade operária teve seu primeiro desentendimento com o regime militar, quando recusou-se a celebrar uma missa por ocasião do aniversário da “Revolução”, como os militares se referiam ao dia 31 de março de 1964. Assim, D. Waldyr refere-se à Igreja nesse momento como o único meio de comunicação e instituição capaz de enfrentar o regime.

Ainda nesse mesmo ano o episódio da prisão de dois jovens da Judica (Juventude Diocesana Católica) faz com que mais uma vez D. Waldyr se colocasse contra o regime repressivo. Nessa ocasião, publica uma declaração no *Jornal do Brasil* que ficou conhecida como “Os sete pecados capitais”. Apesar de longo, este depoimento merece ser transcrito na íntegra, na medida em que é representativo de uma determinada atitude de alguns padres e bispos cada vez mais recorrente nos anos seguintes. O documento dizia o seguinte:

(...)

A Diocese não vai abandonar esses rapazes, pelo fato de terem errado. Suas famílias são pobres operários. Não discuto o gesto deles. São pessoas humanas. Merecem respeito. Autorizamos aos pais, operários simples, que constituíssem advogado para que seus filhos não ficassem entregues às mãos de ... que comprometem o Exército Brasileiro.

Devia, como pessoa pública, Bispo, uma satisfação aos meus diocesanos que julgavam que eu estava preso, por ter distribuído panfletos subversivos durante a madrugada.

Enquanto o coronel Armênio está preocupado em descobrir pessoas subversivas, eu estou preocupado:

- 1) com um acordo salarial que vem se arrastando há cinco meses, e enquanto isso vários operários são privados até ‘dessas migalhas que caem da mesa de seu Senhor’;
- 2) estou preocupado que, para alguns, este aumento acrescenta NC\$ 160,00 a mais no seu salário, enquanto, para outros, o aumento representa mais ou menos NC\$ 21,00, que, somados ao seu salário atual, chegam a NC\$ 150,00, mais ou menos, quantia inferior ao simples aumento dos primeiros. O pão que este come é o mesmo preço. A carne que estes não comem é o mesmo preço para aqueles que a comem;
- 3) estou preocupado que este aumento não venha a cobrir o saldo devedor dos operários, que já é preocupação da CSN, e que centenas de operários, no dia do pagamento, levam para suas casas, motivando tristeza para alguns lares, desentendimentos em outros e desespero para muitos, pondo a estabilidade da família em jogo;
- 4) estou preocupado com o índice elevado de doentes mentais entre operários, não só novos, como antigos. Alarma-nos também o número de alcoólatras;
- 5) estou preocupado com a manutenção de castas sociais: Laranjal é para ... a Vila é para ... apartamentos é para ... Isto é criar rivalidades entre classes. São ilhas criadas;

- 6) estou preocupado com a vida de comunidade dos moradores nas casas que não lhes pertencem. Sei que a própria CSN está preocupada também há vários anos. As casas não lhe pertencendo e não podendo comprá-las, ninguém se sente estável e seguro. Daí, a apatia por qualquer coisa da cidade. Esta indiferença entre pessoas humanas é pernicioso no relacionamento humano;
- 7) estou preocupado com o excesso da oferta de trabalho e a exploração de algumas empresas que se aproveitam da situação, impondo-lhes pagamento arbitrário, em desrespeito à legislação vigente.
Com estes e com outros problemas me preocupo, pois é melhor combater as causas da insatisfação e da revolta, péssimas conselheiras na hora de desespero, que preocupar-me com esta ou aquela pessoa que não teve mais paciência como o nosso 'Pedro Pedreiro ... que tem mulher que está esperando um filho para esperar também ...'
Tudo são preocupações pastorais que, junto às outras do nosso ministério, obrigam-me a ver, lá fora da minha residência, as causas que podem levar ao desespero da subversão.

Esta declaração, além do forte tom de denúncia, demonstra, em primeiro lugar, uma postura pastoral que coloca-se ao lado das camadas populares e mais atenta aos seus problemas de classe. Portanto, além de um discurso bastante próximo a reivindicações tipicamente sindicais e trabalhistas, ele amplia, em última instância, o campo de ação da Igreja. Como afirma no documento acima, além da preocupação com as questões específicas do ministério pastoral, assume como tarefa também a preocupação com os problemas de ordem prática, da vida cotidiana. No entanto, ao contrário de outros movimentos contestatórios do mesmo período – em especial aqueles localizados na esquerda brasileira – D. Waldyr mostra-se preocupado com uma possível revolta ou descontrole da ordem. A via adotada para a resolução do impasse é através da priorização do diálogo e da negociação. Além disso, é possível perceber que todas as críticas são feitas baseadas em valores cristãos, como a importância da preservação da família e do lar cristão.

Em outra ocasião, o bispo faz um pedido para ser preso em solidariedade aos operários que foram detidos por terem participado de uma encenação da Igreja, considerada subversiva, na celebração dos 20 Anos da Declaração dos Direitos do Homem, no ano de 1968.

Sendo assim, até fins da década de 1970, foram majoritariamente os movimentos ligados à Igreja que mobilizaram e organizaram a luta política dos trabalhadores, na medida em que os sindicatos haviam sido postos sob intervenção e os movimentos sociais perseguidos pelo Estado.

Inspirado na Encíclica *Populorum Progressio*, de Paulo VI, D. Waldyr declarou certa vez que em casos de tirania evidente e prolongada, a via da insurreição

revolucionária era aceita. A declaração obviamente teve repercussão, mas como estavam nos idos da década de 1970 e a posição da Igreja como um todo mais consolidada no tocante a não aceitação de certos abusos cometidos pelo regime, a própria instituição lhe deu o respaldo necessário.

Constata-se, nesse momento, um corpo de bispos e padres bastante articulados não só em nível nacional mas em toda a América Latina. Ideias socialistas passaram a ocupar os debates no interior da Igreja e muitos leigos e religiosos engajaram-se na luta contra a ditadura militar.

Essa sua opção, obviamente foi construída com base em elementos de sua personalidade enquanto indivíduo, mas também devido ao seu contato e envolvimento com os trabalhadores e suas famílias, na cidade de Volta Redonda. Não podemos saber se ele teria se despertado para a vivência popular mesmo sem essa experiência de bispado. Isso não nos interessa do ponto de vista histórico. O que podemos sem dúvida analisar é como o fato de possuir um apostolado leigo composto por operários e suas famílias contribuiu para o seu engajamento, aproximação com os setores sindicais e populares e também para a construção de uma ideia de Igreja a serviço dos pobres.

Assim, a partir da década de 1970 D. Waldyr não era apenas uma voz dissonante no interior da Igreja mas fortalecia o coro de religiosos que cada dia mais acreditavam na necessidade de intervenção do campo religioso na política. Dos aproximadamente 200 bispos existentes no Brasil nesse momento, cerca de 90% estavam contra a ditadura.

Aqui podemos recorrer a Elias mais uma vez para refletirmos sobre as condições objetivas que explicam a postura do bispo de Volta Redonda e diversos outros religiosos. Partindo da premissa que os indivíduos encontram-se interconectados na sociedade, devemos atentar para o fato de que essas relações sociais, no entanto, raramente são baseadas em trocas equilibradas. Ao contrário, as configurações, como se refere o autor, são em geral, marcadas pela desigualdade, pela dominação e por relações de poder. É interessante notar neste ponto que Elias chama a atenção para a autonomia e enquadramento de cada indivíduo em uma dada configuração. Mesmo um sujeito como Luís XIV, que possuía uma margem de ação superior aos outros atores da sociedade francesa de sua época, não podia agir livremente, pois também ele estava preso à teia de interdependências da sociedade de corte. Isto nos permite pensar as margens de ação que

estavam disponíveis ao bispo de Volta Redonda e como as diferentes configurações influenciaram no seu posicionamento.

Refletir sobre os limites das mudanças que o contexto político-religioso, isto é, a configuração, deixava disponível a ele e a outros padres de sua geração é de fundamental importância para este estudo. Se, de um lado, passou a haver um nível de autonomia cada vez maior por parte dos padres e bispos e dos próprios leigos, por outro, o princípio hierárquico não podia ser subvertido. Assim, as transformações ocorrem dentro de determinados limites. A instituição, constituída por indivíduos em constante interrelação, exerce pressão e poder sobre os indivíduos, mas ao mesmo tempo estes mesmos indivíduos alteram, a partir de suas atitudes e projetos, a ordem das coisas que, vale lembrar, são historicamente construídas.

Pensando a Igreja como uma configuração específica, devemos considerar simultaneamente os mecanismos de controle destinados a seus agentes eclesiásticos e seus “fiéis” e o papel autônomo de cada agente considerado como integrante das interrelações com outros agentes e com sujeitos que se encontram fora da configuração Igreja católica, como deixa claro Elias em *Mozart, Sociologia de um Gênio* (1995). Além disso, um mesmo indivíduo forma uns com os outros diferentes configurações. É isso que permite que tenham sentido as adjetivações em categorias como “sindicalista católico” ou “operário comunista” para um mesmo indivíduo.

Sendo assim, podemos afirmar que estes eclesiásticos demonstraram um nível alto de solidariedade, o que lhes permitiu não só transformar em alguma medida determinações da instituição católica como também vincular a ideia de fé e política, extrapolando o próprio campo religioso e atuando no campo sindical e da política propriamente dita.

D. Waldyr, ao lado de outros bispos, criaram uma rede importante de comunicação e solidariedade fundamental para a defesa e denúncia das arbitrariedades da ditadura. Com uma estrutura bem organizada e bastante extensa, a Igreja contava, nos idos da década de 1970, com uma série de recursos para colocar em circulação a informação, buscando escapar do controle atento dos militares. A circulação de boletins, circulares internas e informes enviados do exterior, principalmente da França, Itália e Bélgica contribuíam para a confecção desta rede de notícias e denúncias em pleno regime militar.

Em fins dos anos 1970 finalmente efetua-se uma “abertura” dos sindicatos aos movimentos sociais que haviam se desenvolvido durante os anos de repressão mais acirrada. Dentre os sindicatos da região é o Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda (SMVR) que assume maior proeminência no cenário local. Essa fase é marcada por uma crítica mais contundente às condições de trabalho impostas pela CSN e à postura passiva adotada pelas lideranças dos setores ditos “pelegos”.

É nesse contexto que ocorre a segunda greve operária, com duração de 10 dias. Verifica-se nesse contexto o surgimento de novas lideranças e movimentos sociais, deixando o tradicional sindicato isolado.

Os anos 1980, portanto, vão ser marcados pela conquista dos sindicatos por setores ditos progressistas do movimento operário (SANTANA, 2005). Muitas dessas lideranças foram formadas pelos cursos oferecidos pela Igreja ou vão ter, em alguma medida, suas histórias a ela relacionada.

Jessie Jane Sousa referindo-se ao papel da Igreja, aponta:

A ação social da Igreja – através das CEBs – passa a atuar sobre a população pauperizada, que cresce e se amontoa na periferia da cidade, como decorrência da nova política da empresa. A figura do bispo diocesano, D. Waldyr Calheiros, passa a aglutinar os movimentos de oposição da cidade. Ele próprio, um homem perseguido pelas forças repressivas, respondendo a inúmeros inquéritos militares e tendo alguns de seus padres presos e torturados. (SOUSA, s.d.: 15)

Finalmente em 1983 a oposição sindical vence as eleições para o Sindicato dos Metalúrgicos, representado na figura de Juarez Antunes⁸, agora presidente. A chapa que o elegeu foi composta por duas correntes formadas por membros do Partido dos Trabalhadores (PT), uma ligada a setores católicos e outra dita independente. Pouco depois dessa eleição tem lugar mais uma greve, em 1984, que acaba por fortalecer o sindicato e envolve toda a cidade.

Aproximando-se do movimento sindical, principalmente após a eleição de Juarez Antunes, a Igreja local apóia o movimento cedendo espaços para a organização

⁸ Juarez Antunes foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos e teve à frente da instituição na ocasião da greve de 1988, que resultou na ocupação da CSN pelas tropas do Exército e na morte de três operários da empresa. A greve durou 18 dias e demonstrou para a Companhia a força do movimento sindical na cidade. Como desdobramento de sua ação política, em 1988, Juarez candidata-se a prefeitura da cidade, sendo vitorioso nas urnas, porém assassinado pelos setores da direita ultra-conservadora que ainda não havia abandonado o comando da cidade.

da oposição e salas na comunidade de Nossa Senhora da Conceição, onde passou a ser a sede do sindicato durante um tempo.

Apesar da Igreja oficialmente não querer se envolver em questões partidárias, mas considerar apenas como necessário o envolvimento na luta contra a repressão e pela abertura política, na prática, os setores ditos progressistas da Igreja católica engajaram-se nos processos de formação do PT e da CUT, no contexto da redemocratização. O exemplo dos operários do ABC paulista e o surgimento do Novo Sindicalismo se coadunava com a ideia defendida por muitos religiosos de não-alinhamento partidário e de criação de um partido que fosse dirigido pelos próprios operários. Para exemplificar esse pensamento da Igreja progressista, D. Waldyr reflete sobre essa nova fé engajada e o apoio ao PT:

A Igreja defendia o direito à participação em todas as lutas que sinalizassem uma sociedade mais justa, humana e fraterna, e nos sentíamos em sintonia com os sindicatos dotados de maior combatividade. Ocorre que a maioria dos integrantes das Comunidades Eclesiais era constituída de familiares de operários. Não foi difícil apoiar as reivindicações dos trabalhadores. A dimensão política da fé foi direcionada para o novo que se apresentou na luta dos operários – o PT. (COSTA et alli, 2001: 148)

3. A Igreja de Volta Redonda sob uma nova configuração

A influência da Igreja não se restringiu unicamente ao período militar. A articulação entre movimentos sociais, Igreja e sindicatos se deu de forma constante. Terminada a ditadura, os abusos contra os trabalhadores tiveram continuidade. Desde 1984, sob o contexto de redemocratização e maior liberdade de organização e expressão, ensaiavam-se greves na CSN.

A greve de 1988 vai ser a mais significativa de todas as greves na história da cidade. Com duração de 17 dias, a mobilização teve como pauta de reivindicação a implantação do turno de seis horas, a reposição de salários usurpados por planos econômicos e a reintegração dos demitidos por atuação sindical. Esta greve envolveu toda a população de Volta Redonda.

A paralisação tem início do dia 07 de novembro e dois dias depois soldados do Exército de vários quartéis do estado e do Batalhão de Choques da Polícia Militar do Rio de Janeiro⁹ invadem a usina, sob a alegação de proteção das máquinas, após terem

⁹ Esta decisão do Exército de convocarem pelotões de outras unidades demonstra a disposição por parte

dispersado uma manifestação em frente ao escritório central da Companhia. Este dia é marcado pela trágica morte de três operários da usina¹⁰. Mesmo após estes assassinatos e diversas prisões, a greve foi vitoriosa, pois continuou até o dia 23 de novembro e teve todas as suas reivindicações atendidas¹¹.

Nesse evento, mais uma vez, D. Waldyr assume papel de destaque, ao ser chamado pelo sindicato para ajudar nas negociações com a empresa e se colocar como mediador dos conflitos sociais da região. No dia 15 de novembro, o bispo celebra a missa de sétimo dia dos operários mortos na greve, juntamente com D. Amaury Castanho (Valença), D. Vital Wilderink (Itaguaí), D. Adriano Hipólito (Nova Iguaçu) e D. Mauro Morelli (Duque de Caxias). Esse evento nos demonstra mais uma vez a solidariedade existente entre esses bispos. É D. Waldyr quem relata:

Houve um comparecimento expressivo de sacerdotes, e a multidão participou com cânticos. De uma grande cruz pendiam as roupas ensanguentadas dos operários mortos, como que unindo Cristo e os operários em um só sacrifício. O amor de Cristo por todos e o amor dos operários pela vida que Cristo trouxe para todos (COSTA et alli, 2001: 158).

No dia 1º de maio do ano seguinte, foi erguido na Praça Juarez Antunes, um memorial em homenagem aos três operários mortos na greve de 1988, projetado por Oscar Niemeyer. Este evento contou com a presença do então presidente nacional da CUT, Jair Meneguelli. Algumas horas depois, sob o governo de Moreira Franco, explode uma bomba próxima ao monumento e este fica destruído.

Nesse mesmo ano, ocorrem as eleições para a prefeitura de Volta Redonda e Juarez Antunes sai vitorioso. Novamente a história se encerra de maneira dolorosa com a morte do prefeito recém eleito, deixando clara a continuidade dos tempos da repressão legalizada.

dos militares de reprimirem, seja de que maneira, os operários em greve. Como muitos dos soldados de Barra Mansa eram amigos ou tinham laços familiares diretos – filhos, irmão, primo etc –, eles temiam que a proximidade sanguínea ou afetiva evitasse a defesa da usina e o eventual derramamento de sangue.

¹⁰ Foram mortos William Fernandes Leite, de 22 anos, com tiro de metralhadora no pescoço; Valmir Freitas Monteiro, de 27 anos, com tiro de metralhadora nas costas e Carlos Augusto Barroso, de 19 anos, com esmagamento de crânio.

¹¹ Como mecanismos de defesa, os trabalhadores tiveram que improvisar. Um exemplo é o caso relatado pelo diretor da CUT/RJ e do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Volta Redonda, Marcos Aurélio Hartung: "O Isac e o Vanderlei subiram numa lata de 200 litros de óleo e começaram a falar com os trabalhadores. Os trabalhadores repetiam o que eles falavam para todos ouvirem. Isto se propagou por toda a usina". (citado em SANTIAGO, Cláudia. "O Massacre de Volta Redonda", 1998 in <http://www.piratinga.org.br/artigos/2004/01/santiago-voltaredonda.html>)

Estes conflitos serviram de justificativa – para a direção da CSN e o governo federal – para o processo de privatização da empresa. Logo após a grande greve de 1988, ocorre um forte movimento de engajamento e discussão a respeito de propostas alternativas para enfrentar a crise da CSN. No entanto, já em 1989 verifica-se um processo de “saneamento” da empresa, visando à privatização que se concretizaria em 1993.

O processo de privatização da empresa afeta, obviamente, a vida de todos os trabalhadores da Companhia e suas famílias. A cidade vive, então, o desmoronamento do modelo da “company-town”, a implementação de uma política de retirada das conquistas trabalhistas adquiridas ao longo desses anos e uma desarticulação dos movimentos sociais. Santana (2005) atribui a causa desse quadro ao fato do Sindicato dos Metalúrgicos ter sido a ponta de lança desses movimentos. Com a sua desmobilização, a articulação entre os movimentos sociais se viu bastante comprometida.

D. Waldyr mostra-se contrário à privatização e alega que se a CSN fosse privatizada, Volta Redonda também o seria. Na tentativa de barrar esse processo, os partidos políticos de esquerda – PT, PSB e PDT – unindo-se aos sindicatos de diversas categorias e às lideranças da sociedade, com o apoio das igrejas, realizam uma manifestação em repúdio à privatização, na praça Juarez Antunes. Logo após a mobilização vários ônibus levaram a população para o Rio de Janeiro onde participariam de outro ato de protesto, dessa vez em frente à Bolsa de Valores.

Nesse momento, D. Waldyr foi considerado mais uma vez figura fundamental nas negociações. Um diretor da CSN reconhece a força da Igreja nesse processo. Para exemplificar, D. Waldyr nos conta um caso que demonstra a capacidade de mobilização da Igreja. Vejamos o relato do bispo:

(...) a Fiesp lançou uma recomendação no sentido de que todas as renegociações de salários partissem do teto zero. A diretoria da CSN aproveitou-se e propôs aumento zero no acordo. O pessoal da CUT reagiu: “Não é possível tudo ir por água abaixo de uma hora para outra e ficarmos assistindo à demolição das nossas conquistas!”

Decidiram, então, convocar uma manifestação e pediram que eu convidasse as comunidades. Na ocasião, eu me achava em Alagoas, e fiz a convocação por fax. Foi grande a participação. Os manifestantes lotaram a praça Juarez Antunes, onde também compareceram Vicentinho, o presidente da CUT, Jair Meneguelli e lideranças do Rio de Janeiro. O ato chamou a atenção da empresa. Foi quando o presidente da CSN, José Carlos, por telefone, reconheceu a força da Igreja (COSTA et alli, 2001: 168).

Sua dimensão política está, assim, intimamente vinculada à sua concepção de fé. A “fé comprometida”, segundo o discurso católico, é a expressão dessas duas dimensões reunidas em uma mesma prática. O próprio D. Waldyr nos traduz como se dá a vivência de uma “opção preferencial pelos pobres”:

A partilha da vida e dos bens era uma das características das primeiras comunidades cristãs (At. 2, 44). Hoje, o que se partilha é a solidariedade com os sem-trabalho, os sem-terra, os sem-saúde, os sem-alimento, os sem-casa, os sem-educação, enfim, com os injustiçados, os pobres, os excluídos. Por isso, a Palavra de Deus, a eucaristia e a comunidade são o segredo da fidelidade ao Senhor. Podemos lembrar a celebração do Grito dos Excluídos, no dia 7 de setembro, em Aparecida do Norte, como expressão do que se vive na fé comprometida (SERBIN et alli, 2001: 178).

Com base nessa concepção de fé, o bispo de Volta Redonda coloca-se à frente de diversas reivindicações a favor dos trabalhadores e assume, ao mesmo tempo, o papel de interlocutor entre empresa e movimentos sociais. Podemos citar a ocasião do leilão da CSN para exemplificar como essas redes sociais se articulam e torna-se impossível analisá-las isoladamente. D. Waldyr nos conta:

As lideranças dos movimentos populares se reuniram na Câmara Municipal para discutir o problema (o leilão). Manifestei-me, na ocasião, dizendo que, se privatizassem a CSN, Volta Redonda seria privatizada. Bastaria uma porteira na Via Dutra e outra na Lúcio Meira, e o Escritório Central da CSN se transformaria na casa-grande da senzala. Num esforço de mobilização, os partidos políticos de esquerda – PT, PSB, PDT –, com apoio das igrejas, uniram-se aos sindicatos de diversas categorias e às lideranças da sociedade. A resposta da população foi o comparecimento maciço à manifestação de repúdio à privatização, realizada na praça Juarez Antunes, onde se localiza o monumento dos três operários mortos na greve de 1988 (SERBIN et alli, 2001: 166).

Nesse sentido, é importante notar que seu discurso contrário à empresa e de defesa aos trabalhadores está ancorado na ideia de justiça social e igualdade. Acionando os ideais do catolicismo primitivo, D. Waldyr reafirma o valor espiritual de “comunidade” e constrói sua crítica ao sistema econômico vigente, relacionando o transcendente à realidade concreta. Ao falar das conseqüências da privatização para a vida dos trabalhadores, deixa transparecer a dimensão religiosa na análise política da situação:

Hoje, o resultado da privatização é evidente: os operários estão submetidos a um novo modelo de escravidão. Obrigam-nos ao trabalho extenuante de oito horas no “caldeirão” barulhento e ensurdecedor da usina, o que afeta o equilíbrio humano e psíquico, aumentando o risco de acidentes, e prejudica o convívio familiar. A compensação financeira, que devia fazer parte do salário, há anos sem reajuste, é imposta aos trabalhadores, sem outra alternativa para alimentar suas famílias. Em lugar do hospital da Companhia, que prestava atendimento razoável, impingiram-lhes um plano

de saúde restrito, que não cobre as suas necessidades e de seus familiares. Tudo isso para produzir com menos custos, cultuando o “bezerro de ouro” da competitividade, essência do capitalismo concentrador e injusto (SERBIN et alli, 2001: 166).

Notemos também como todas as críticas lançadas ora ao sistema, numa perspectiva macro, ora a companhia, num plano micro, aparecem acompanhadas de uma dimensão religiosa. A família, a justiça social, a dignidade humana constituem os valores máximos que justificam toda a crítica de ordem política e econômica.

Considerações Finais

É importante pensar a figura de D. Waldyr ao mesmo tempo como voz dissonante no interior da Igreja, mas também como voz oficial, que carrega consigo toda uma tradição histórica da instituição. O diálogo com seus superiores, comunicando todas as suas decisões, principalmente as mais radicais, demonstra os limites impostos pela instituição e a permanência, ainda que mais flexível em algumas esferas, do princípio hierárquico. Por outro lado, ao analisar seus depoimentos, formulados *a posteriori*, constatamos a preocupação de propagar e ratificar um discurso comprometido com a construção da memória de uma Igreja-comunidade, em contraposição a ideia de uma Igreja hierárquica e elitista.

Seu bispado chega ao fim no ano de 1999, quando torna-se o bispo emérito e D. João Maria Messi assume o trabalho pastoral da Diocese. O atual bispo exerce um sacerdócio bastante diferente do de seu predecessor, mais preocupado com questões de cunho religioso e da vida eclesial. Alinhado às determinações da Igreja Romana, D. João Maria Messi encontra-se muito mais próximo dos setores ligados à Renovação Carismática¹² e menos preocupado com as questões de cunho estritamente político. No entanto, apesar de D. Waldyr continuar sendo uma presença importante para muitos movimentos da região, D. João como representante da Igreja na cidade, assume o papel de intermediário entre os trabalhadores e a direção da empresa, quando da resolução de conflitos.

¹² O movimento da Renovação Carismática possui um caráter ecumênico e busca dar destaque aos valores espirituais, do culto e prática litúrgica. Essa corrente é assim chamada porque considera que a religiosidade deve ser manifesta através dos carismas do Espírito Santo. Como carismas, destaca-se o dom das línguas, entusiasmo, renovação, dom da cura, louvor. Alguns setores mais tradicionais não concordam com as práticas desse movimento pois as julgam próximas às práticas protestantes, enquanto outros setores ditos progressistas não concordam com essa corrente por consideram-na despolitizada e com poucas possibilidades de transformação social.

Nesse sentido, estudos recentes (BEZERRA, 2007; LIMA, 2007; PEREIRA, 2005; SILVA, 2008) vêm apontando para uma mudança de ordem prática e política na estruturação dos movimentos sociais na cidade de Volta Redonda. Após o processo de privatização da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em 1993, a cidade assume uma nova configuração e com ela, novas formas de organização de seus movimentos.

Dentro desse quadro, a Igreja católica também vive uma transformação interna, no tocante às formas de apoio e interação com os movimentos sociais. O bispado de D. Waldyr Calheiros estabeleceu, ao longo dos anos 1960, 1970 e 1980, uma relação de proximidade com os trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), principalmente com o movimento sindical. Com a crise sindical e a privatização da Companhia, o bispo viu-se obrigado a enfrentar novas questões e uma nova realidade. Seu papel, no entanto, continuou sendo o de interlocutor entre empresa e trabalhadores. Já o bispado de D. João Maria Messi possui pouco contato com os movimentos sociais e apóia ações mais voltadas para a religiosidade católica.

Referências Bibliográficas

- BEZERRA, Aroldo. *Por uma Diocese Operária: Igreja e Trabalhadores em Volta Redonda*. Monografia (História), UNIRIO, Rio de Janeiro, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CNBB. *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*. Petrópolis: Vozes, 1968.
- DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do Estado*. Petrópolis, Vozes, 1981.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- _____. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge
- FICO, Carlos. *Como Eles Agiam. Os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001.
- GOHN, Maria da Glória. *Novas Teorias dos Movimentos Sociais*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- GRACIOLLI, Edílson José. *Um caldeirão chamado CSN: resistência operária e violência militar na greve de 1988*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1997.
- LAMARÃO, S. T. N. ; FONTES, Â. M. M. . “Volta Redonda: história de uma cidade ou de uma usina?”. In: *Revista do Rio de Janeiro*, v. 1, n. 4, Niterói, 1986.

- LIMA, Raphael. “Política e Movimentos Sociais no Sul Fluminense: a construção do MEP de Volta Redonda” In: *Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia*. Florianópolis, UFSC, abril 2007.
- MOREL, Regina Lúcia de Moraes. *A Ferro e Fogo – Construção e Crise da “Família Siderúrgica”: o caso de Volta Redonda (1941 –1988)*. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
- PEREIRA, Sérgio Martins. “A Trajetória de uma Liderança: História de Vida e Ação Sindical em Volta Redonda”. In: *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História*. Londrina, ANPUH, 2005.
- RAMALHO, José Ricardo; SANTANA, Marco Aurélio. (orgs.). *Trabalho e Desenvolvimento Regional: efeitos sociais da indústria automobilística no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad: UFRJ-PPGSA; Brasília: CAPES, 2006.
- SANTANA, M. A. “Da plenitude ao vazio na Cidade do Aço: memórias dos movimentos sociais em Volta Redonda (1980/1990)”. In: *Revista de História Oral*, v. 9, Rio de Janeiro, 2006/2007.
- _____. “Uma cidade em movimento: trabalhadores e política em Volta Redonda (1980-1990)” . In: *Anais do XXIII Simpósio Nacional de História*, - ANPUH, Londrina, UEL, 2005.
- SERBIN, Kenneth. *Diálogos na Sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SERBIN, Kenneth; PANDOLFI, Dulce P. e COSTA, Celia Maria L. (orgs.). *O Bispo de Volta Redonda: memórias de Dom Waldyr Calheiros*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- SILVA, Leonardo Ângelo da. “ ‘Meu candidato é o asfalto’.O processo de construção de uma nova hegemonia na contramão da cidadania (Volta Redonda, 1988-2004).”. In: *XIII Encontro de História - ANPUH-Rio, Seropédica, UFRRJ*, 2008.
- SOUSA, Jessie Jane Vieira de. *Arigó, o pássaro que vem de longe*. Centro de Memória Sindical de Volta Redonda, s.d.